

# VARIÇÃO E VARIEDADES: O CASO DO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Maria Helena Mira Mateus  
FLUL / ILTEC  
mhelenamateus@clix.pt

## **I O tempo e o espaço da Língua Portuguesa**

A nossa língua muda como mudam os nossos conceitos de vida, a nossa forma de estar, a arquitectura, a moda, o pensamento filosófico e científico e até a própria natureza. Por vezes tudo muda lentamente sem que, durante a vida inteira nos apercebamos disso. Assim sucede em tempos de calma, quando o poder dos conservadores prevalece sobre os que acreditam na mudança. Então a língua muda devagarinho como as demais formas de comportamento humano, introduzindo aqui e acolá uma inovação temerosa, logo combatida ferozmente pelos guardiães do templo.

Mas quando os homens acreditam que é possível intervir na história, ou quando se julgam capazes de forçar a natureza, então as convulsões abrem novos mundos. O contacto consigo mesmos, com os seus mais profundos anseios e ilusões, e o contacto com os outros homens que trazem nos olhos a novidade de outras paragens evidenciam uma mudança abrupta em que tudo parece possível, tanto nas formas de comportamento humano como na própria palpação da natureza.

Guardemos portanto esta convicção: Não é possível parar a história, ou seja, não é possível parar o percurso do homem sobre a terra. Por outro lado, é difícil e complexo intervir na história. Mas, indubitavelmente, somos nós, os humanos, que construímos a história. E portanto somos nós, com toda a nossa desconfiança perante a novidade, com todo o desejo de segurança que nos traz o já sabido, e com aquela magnífica coragem de entrar no desconhecido e de correr o risco – coragem que caracteriza o ser humano diante das outras espécies

---

<sup>1</sup> A publicar na homenagem ao Professor Eberhardt Gartner.

–, somos nós que mudamos as nossas formas de comportamento e, portanto, mudamos a língua que falamos. É por tudo isto que eu sinto um carinho especial pelas variedades que conheço da língua com que aprendi a falar e que me ajudou a construir como pessoa, a língua portuguesa, essa língua que vou encontrando pela vida fora, na sua imparável variação, em contextos tão próximos e tão afastados, separados por gerações ou por oceanos, na variação que em mim mesma me confronta com os anos que já vivi.

É desta variação que vos venho falar, tocando apenas, ao de leve, alguns dos seus aspectos que mais não são do que exemplificações do muito que teria para vos dizer. E começarei com a **variação no tempo**.

Sabemos que o Português provém do latim vulgar falado no noroeste da Península Ibérica que foi modulado pela influência de certas características dos primitivos habitantes da região. Mais tarde o Português recebeu larga contribuição do Árabe, sobretudo no campo do léxico e em algumas pronúncias particulares. Evidentemente, como todas as línguas, o Português foi enriquecendo e mudando em contacto com outras línguas próximas e afastadas. Mas se podemos afirmar, com base em nomes de pessoas e lugares, que a partir do século VI o Português foi adquirindo características próprias, é só com os primeiros textos, nos quais certas palavras permitem reconhecer essas características, que podemos avançar alguma data de nascimento. Claro está que uma língua quando começa a ser documentada graficamente já é pertença de muitos falantes desde há longo tempo, e que a sua gestação demora séculos. Mas desde quando os habitantes daquela região da Península falavam o que hoje chamamos Português? Mistério. Portanto, fiquemos com as datas dos primeiros textos.

A **Notícia de Fiadores**, descoberta na Torre do Tombo há três anos pela minha colega Ana Maria Martins, data de 1175, do reinado de D. Afonso Henriques. No documento são discriminadas dívidas do nobre Paio Soares Romeu. Os dois outros textos, durante muitos anos considerados os mais antigos

textos escritos em Português, são a **Notícia de Torto**, proposta em 1963 por Luis Lindley Cintra como o primeiro, e datada por ele de cerca de 1211, e o **Testamento de D. Afonso II** que é possível datar de 1214 e que foi largamente estudado pelo Padre Avelino de Jesus da Costa.

A partir destes primeiros textos têm sido estabelecidos os períodos da história da língua portuguesa. A distribuição que vos proponho baseia-se na *História da Língua Portuguesa* que Ivo Castro publicou na Universidade Aberta, em 1991, e no artigo de Rosa Virgínia Mattos e Silva incluído na revista DELTA (S. Paulo), Vol. 10, número especial:247-276 Nesta proposta distinguem-se o **Português Antigo** (desde os primeiros textos até final do século XV), o **Português Médio** (durante o século XV), o **Português Clássico** (até meados do século XVIII) e o **Português Moderno** (a partir do século XVIII).

Alguns dos aspectos da mudança que a língua viveu nestas épocas estão a seguir indicados muito brevemente.

**Português Antigo** (i) Existência de numerosos hiatos resolvidos pela crase das duas vogais (ma-a>*má*, cre-er>*crer*), pela introdução de um elemento (ũ-a>*uma*; fe-o>*feito*) ou pela formação de ditongos (mã-o>*mão*). (ii) Existência de formas verbais isoladas, mais tarde regularizadas (*arço* ‘ardo’, *paresco* ‘pareço’, *verrei* ‘verei’, *querrei* ‘quererei’). (iii) Palavras gramaticais desaparecidas (*senhos* ‘cada um seu’).

**Português Médio** (i) desaparecimento do –d– intervocálico nas formas verbais (*cuidades* ‘cuidais’, *metede* ‘metei’). (ii) –udo substituído por –ido (*sabudo* ‘sabido’, *teudo* ‘tido’, *temudo* ‘temido’). Foi durante o século XV que se deu a introdução de cultismos na língua escrita, que passaram depois para a língua oral, e que o Português começou a receber empréstimos de outras línguas provenientes dos contactos estabelecidos pelos navegadores portugueses.

**Português Clássico** (i) Estabilização das três conjugações com integração de alguns verbos da segunda na terceira (*finger* ‘fingir’, *empremmer* ‘imprimir’). (ii) Uniformização das terminações nasais do singular (*irmão, pão, limão*). (iii) Aparecimento das primeiras gramáticas (Fernão de Oliveira, 1536; João de Barros, 1540).

**Português Moderno** (i) Redução das vogais átonas sobretudo no Português Europeu. (ii) desenvolvimento das características particulares das variedades nacionais do Português.

Tendo passado brevemente por uma caracterização sumária dos três períodos da história da língua, farei agora referência às variedades nacionais do Português na perspectiva do que designei no título por **variação no espaço**. Lembro, em primeiro lugar as regiões e os países onde se acolhem essas variedades, ou seja, onde se encontra o Português no mundo:

Portugal e Brasil têm-no como língua nacional. Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Timor, como língua oficial e de escolarização. Em Goa e em países de emigração portuguesa na América e na Europa o Português é falado e aprendido como língua segunda.

Permitam-me agora que penetre nos perigosos caminhos da caracterização de variedades do Português. E digo ‘perigosos caminhos’ porque o campo é muito vasto e os semeadores são poucos, e eu, uma semeadora que só conhece algumas sementes. Além disso, na variação tudo é fluido e fugaz, como a vida, de resto. Vejamos, portanto, alguns aspectos mais salientes da exemplificação que escolhi na comparação entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, e entre este e o Português Moçambicano.

*Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE): algumas diferenças*

**Fonética:**

a) Vogais átonas

PB – pouco reduzidas

PE – muito reduzidas

b) /t/ e /d/ antes de /i/ (*tido, dia, ditar*) e de /e/ pós-tônico (*pede, bate*).

PB – realização como [tʃ], [dʒ] PE – realização como [t], [d]

c) /l/ em final de sílaba (*maldade, animal*)

PB – realização como semivogal [w]

PE – realização como [l]

velarizado

d) Sequências de consoantes

PB – introdução de uma vogal epentética (*abisurdo, afita, pineu*)

PE – as duas consoantes seguidas (*absurdo, afta, pneu*)

**Morfologia e sintaxe:**

a) Pronomes clíticos

PB – colocação em próclise (*Me diga uma coisa. Você se senta aí.*)

PE – colocação em ênclise (*Diga-me uma coisa. Você senta-se aí.*)

PB – substituição frequente do acusativo pelo dativo ou pelo nominativo (*Eu lhe vi na rua. Eu ensino ela na escola.*)

PE – utilização do acusativo (*Eu vi-o na rua. Eu ensino-a na escola.*)

b) Utilização de *fazer, ter e haver*

PB – Ele está em Paris *faz* anos. Ele se licenciou *tem* dois meses. *Tem* fogo naquela casa.

PE – Ele está em Paris *há* anos. Ele licenciou-se *há* dois meses. *Há* fogo naquela casa.

c) Possessivo e artigo

PB – Ausência de artigo (*Vou ver meu irmão. Não conheço tua mulher.*)

PE – Presença do artigo (*Vou ver o meu irmão. Não conheço a tua mulher.*)

d) Utilização de modos verbais

PB – Com (*ser*) *bom* ou um modalizador: *indicativo* (*Pena que ele não chegou a tempo.*)

PE – Nos mesmos contextos: *conjuntivo* (*Foi pena que ele não chegasse a tempo.*)

**Formas de tratamento:**

PB – *você* e ausência de *tu* em situação informal, na maioria dos dialectos.

PE – *tu* ou o nome próprio. *Você* marcado socialmente. Referência ao cargo ou título.

**Léxico:**

PB – Numerosos vocábulos de origem *tupi* (guri ‘rapaz’, pipoca ‘grão de milho’) e de origem *africana* (moleque ‘miúdo’, senzala ‘habitação de escravos’).

*Português Moçambicano (PM) e Português Europeu (PE): algumas diferenças***Morfologia e sintaxe:**

## a) Infinitivo

PM – Infinitivo flexionado em frases completivas (Os professores preferem não *darem* as aulas.) e com verbos auxiliares (Os chefes deviam *criarem* condições.).

PE – Infinitivo não flexionado nestes contextos (Os professores preferem não *dar* as aulas. Os chefes deviam *criar* condições).

## b) Modos verbais

PM – Com *talvez, embora*: indicativo (Talvez eu *tenho* vocação).

PE – Nos mesmos contextos: conjuntivo (Talvez eu *tenha* vocação).

## c) Orações relativas

PM – Resumptivas (Foi um amigo *que* conheci-o logo).

PE – Não resumptivas (Foi um amigo *que* conheci logo).

## d) Frases passivas

PM – *Os* soldados foram *dados* armas pelo Governo.

PE – *Aos* soldados foram *dadas* armas pelo Governo.

## e) Dequeísmo

PM – Toda a gente sabe de que...

PE – Toda a gente sabe que

**Léxico**

PM – Transitivização de verbos com complemento (Ninguém *protestou* a iniciativa)

PE – Explicitação da preposição que introduz o complemento (Ninguém *protestou contra* a iniciativa).

A exemplificação foi modesta mas apenas pretendeu abrir o desejo de aprofundamento. Esta é uma tarefa em que todos podemos colaborar, ouvindo, atentando, repetindo, guardando e entregando essas novidades aos ‘semeadores’, ou seja, àqueles que sabem separar as sementes e as guardam no celeiro ou as atiram à terra para frutificarem. Não é fácil esta tarefa. O linguista semeador está sempre no fio da navalha. Será esta uma inovação a guardar? Resultou da criação individual? Do desconhecimento? Ou é algo em que eu ainda não havia reparado? Esta forma variante irá fixar-se, autonomizar-se? Contribuirá ela para a caracterização das variedades nacionais ou locais da língua?

Deixemos estas perguntas para os momentos de estudo solitário e vejamos agora algumas **causas** da mudança e da variação. Começo por explicitar que utilizo o termo *mudança* para designar a variação no tempo, diacrónica ou histórica, e que, a par desta, o termo *variação* engloba as variedades nacionais, a variação dialectal no interior das variedades, a variação social ou diastrática e a variação individual correspondendo a diferentes situações de comunicação. Perante tanta variedade ocorre dizer que a língua que a todas cobre é, evidentemente, uma abstracção necessária à sua descrição como língua particular que, nessa perspectiva, se distingue e contrasta com as restantes línguas naturais.

Causas da mudança dizia eu. E não são apenas exteriores. A mudança endógena também se dá. Os fenómenos fonéticos desenvolvem-se muitas vezes pelo simples facto de a língua ser falada, usada. De geração para geração as palavras mudam de forma

Mas as palavras também mudam de significado, as frases alteram a sua construção, o léxico acolhe novas entradas e deixa cair outras que já lhe não interessam. E aqui entra o contacto com outras línguas e com outras realidades sócio-culturais. É difícil separar estas duas ordens de causas. Com o contacto

com outras culturas vêm as palavras. Lembremos a importância das palavras que entraram no Português pelo contacto, no Brasil, com as línguas autóctones e com as línguas das comunidades imigrantes (alemão, japonês, holandês e quantas mais). E em África, a entrada de tantos empréstimos das línguas nacionais africanas. E na Ásia, as palavras que emigraram para o Português vindas de tantas regiões com que os navegadores tomaram contacto nessa parte do mundo. Naturalmente, dentro da Europa, as línguas de prestígio também contribuíram para uma transformação enriquecedora do léxico. Nem precisamos de citar a palavra ‘chapéu’ e lembrar o tempo em que o francês era língua de cultura, porque dia a dia vamos integrando palavras que vêm escondidas na tecnologia importada do inglês, e *hélas*, não só na tecnologia mas em muitos campos da nossa vivência diária.

No entanto a mudança proveniente do contacto não se resume ao léxico nem a um número restrito de variações gramaticais ou fonéticas. O contacto entre línguas, como sabemos, pode dar origem ao surgimento de línguas mistas – o sabir ou língua franca, os pidgins e os crioulos. Ainda que seja de conhecimento geral, não resisto a atardar-me sobre essas interessantíssimas criações linguísticas que são os pidgins e, sobretudo, os crioulos. Tomo, para ambas, as definições de Alan Baxter: “A palavra pidgin refere-se a um género especial de língua reduzida que se forma quando grupos de falantes de línguas diversas mantêm um contacto prolongado e precisam de comunicar dentro de um domínio restrito”. “Um crioulo é uma língua nativa que surge em circunstâncias especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua com base num modelo de segunda língua defectiva, tipo pré-pidgin ou pidgin”.(p. 541).

O que diferencia basicamente estes dois tipos de línguas? O facto de o pidgin ser língua reduzida, com interpretação muito dependente do contexto e, sobretudo, por oposição ao crioulo, ser uma língua não-nativa, enquanto o crioulo é adquirido como primeira língua, portanto nativa, e tem uma gramática



própria, aliás com características que são comuns aos crioulos de um modo geral. A circunstância de o crioulo se constituir como língua materna em tempo rapidíssimo (normalmente em duas gerações) leva a que alguns crioulistas considerem que este tipo de línguas tem uma criação catastrófica, e que o acesso ao conhecimento das circunstâncias de nascimento dos crioulos e da estruturação da sua gramática tornam possível analisar certas características universais da aquisição das línguas naturais. Os crioulos seriam, assim, laboratórios em que podemos saber como nascem e/ou se adquirem as línguas – por isso lhes chama Bickerton *Roots of Language*. Esta hipótese não é hoje completamente aceite mas o interesse pela natureza dos crioulos e pela sua excepcionalidade mantêm-se na ordem do dia.

Estão presentemente identificadas cerca de duas centenas de pidgins e crioulos que habitualmente são agrupados a partir da língua europeia de colonização que se considera ter servido de base para a sua criação. Mas esta é apenas uma das teorias sobre a origem dos crioulos. Como refere Maria Antónia Mota, entre essas teorias existe a dos universais linguísticos que postula que “os princípios universais que subjazem a todas as línguas explicariam que pidgins e crioulos geograficamente muito afastados, formados em épocas e em situações muito diferenciadas, partilhem características linguísticas que aproximam espantosamente as suas gramáticas”. Assim, por exemplo e segundo Alan Baxter, o tempo, o modo e o aspecto são traduzidos nos crioulos por um sistema de partículas pré-verbais, tal como a negação; a ‘existência’ e a ‘posse’ são expressas por um mesmo lexema verbal; não existe ‘voz passiva’.

Nos países africanos que têm o Português como língua oficial existem crioulos como língua materna em Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe. Os estudos realizados sobre os crioulos (e refiro-me aqui em especial ao cabo-verdiano) mostram que existe um contínuo entre o crioulo mais superficial e o crioulo fundo (mais afastado da compreensão de quem fala português) e que, em certas circunstâncias, se nota um processo de

descrioulização enquanto que, por razões e em circunstâncias opostas, se reconhece uma recrioulização.

Mas é tempo de nos afastarmos dos crioulos, e regressarmos à língua portuguesa, objecto da nossa atenção e, neste momento, da nossa preferência. E agora, numa área mais restrita, o continente europeu. Será o Português assim tão uniforme no espaço que lhe deu origem? Embora a intercompreensão dos habitantes das diversas regiões seja um facto evidente, o Português não se distingue neste particular das outras línguas em que se reconhece uma variação dialectal. Para apresentar os dialectos no espaço do Português Europeu sigo a proposta de Lindley Cintra que, embora dada a conhecer em 1971, ainda não foi controvertida. Devo acrescentar que, em virtude de Portugal ser o país europeu com as fronteiras mais antigas, e por outras razões de carácter histórico, o país não apresenta diferenças muito marcadas entre os seus dialectos. E acrescento ainda que até há bem pouco tempo era vulgar encontrar a convicção de que o Mirandês era o único dialecto do Português dada a estranheza que as pessoas sentiam nessa forma de falar. Afinal, essa estranheza era devida ao facto de o Mirandês ser um dialecto de uma língua diferente, o Asturiano ou Asturo-Leonês, que tem características basicamente diferenciadoras em relação ao Português. Felizmente, a confusão foi desfeita a partir de 1997, ano em que o Mirandês foi considerado oficialmente uma língua minoritária com estatuto reconhecido no território llinguístico português. Do mesmo passo, Portugal deixou de ser um país monolingué e os mirandeses passaram a ser indivíduos bilingues.

Mas voltemos ao colorido dialectal que alegra os nossos ouvidos portugueses. Tendo presente que o Português nasceu na região hoje ocupada pela Galiza, e sabendo que certas características da sua formação o distinguiram, já nessa região de origem, da vizinha língua castelhana, Lindley Cintra propõe três grupos de dialectos que se diferenciam entre si por alguns fenómenos

fonéticos concorrentes no espaço de cada um: os **dialectos galegos**, os **dialectos portugueses setentrionais** e os **dialectos portugueses centro–meridionais**. Ficam de fora destes agrupamentos os dialectos insulares que participam de características dos centro-meridionais possuindo, no entanto, algumas particularidades.

As características mais notórias desses grupos de dialectos são as seguintes:

Dialectos galegos: Não têm vogais nasais. Átonas pouco reduzidas. Fricativas surdas apenas ([s], [š]).

Dialectos portugueses setentrionais: /b/ e /v/ realizados como [b]. Sistema de sete fricativas ([s] *caça*, [z] *azar*, [s,] *sabe, assa*, [z,] *asa*, [š], *xaile*, [tš] *chave*, [ž] *haja*).

Dialectos portugueses centro meridionais: Perda da semivogal no ditongo [ej] (*feira* [‘ferα]).

Cheguei agora ao fim desta viagem pela variação de uma língua que me é tão querida porque nela me construí e me reconheço. Ao falar de variação não quis, propositamente, apresentar a **norma** como contraponto. No entanto, considero a sua existência necessária como referência da nossa produção linguística, como aquela segurança que a aceitabilidade dos nossos comportamentos sempre nos traz. Todas as variedades nacionais possuem a sua norma-padrão de que a escola é especial depositária. Como em qualquer campo da actuação humana, a norma tem justificações sócio-políticas e históricas, de carácter pedagógico e comunicativo. É, em certas circunstâncias, um factor de identificação linguística e cultural e de solidariedade social. Mas no nosso viver quotidiano, a identidade que procuramos é sem dúvida aquela que estabelecemos com o que nos está próximo, que integra a variação enriquecedora e criativa, a nossa participação no acto de comunicação, aquilo que de nós próprios transportamos para a língua que falamos. Essa é a grande riqueza da variação

linguística e é nesse ponto que se encontram e se abraçam as memórias da história e as vivências do presente.

Maputo, 7 de Maio de 2002